

Comparação entre as práticas em partes e como um todo e a utilização de dicas na aprendizagem de uma habilidade da ginástica rítmica

"Comparison between part practice versus whole practice and the use of learning cues while learning a Rhythmic Gymnastics skill"

CAÇOLA, P. M.; LADEWIG, I.; Comparação entre as práticas em partes e como um todo e a utilização de dicas na aprendizagem de uma habilidade da ginástica rítmica *R. bras. Ci e Mov.* 2007; 15(4): 79-86.

RESUMO: Muitas pesquisas comparando as práticas em partes e como um todo já foram realizadas, e os resultados colocam que a prática como um todo é benéfica para habilidades que possuem grande interação entre as suas partes. Sabendo disso, buscamos saber qual a prática mais eficiente para a aprendizagem da Ginástica Rítmica (GR), além de verificar a influência do uso de dicas na habilidade "lançamento da bola seguido de um rolamento para a frente e recuperação com os pés no solo". 48 meninas foram divididas em 4 grupos, PsD (partes sem dicas), PcD (partes com dicas), TsD (todo sem dicas) e TcD (todo com dicas). Foram realizadas seis aulas para todos os grupos. A dica utilizada foi uma marcação colorida na parede, que determinava a altura correta do aparelho. Houve uma avaliação ao término da terceira e da última aula, sendo estas o Teste 1 e o Teste 2, e 30 dias após a última aula, o teste de retenção (Teste 3). Todas as aulas e testes foram filmados, e a avaliação foi feita de acordo com o código de pontuação da FIG. Foram encontradas diferenças significativas, concluindo-se que o uso da prática como um todo foi melhor na aprendizagem da habilidade, e a utilização das dicas interferiu positivamente principalmente na prática como um todo, facilitando o direcionamento da atenção para os aspectos importantes do movimento.

PALAVRAS-CHAVE: prática em partes, prática como um todo, dicas de aprendizagem, ginástica rítmica.

CAÇOLA, P. M.; LADEWIG, I.; Comparison between part practice versus whole practice and the use of learning cues while learning a Rhythmic Gymnastics skill *R. bras. Ci e Mov.* 2007; 15(4): 79-86.

ABSTRACT: The whole versus part teaching methodology has been well investigated in recent years. The purpose of this study was to investigate the efficiency of teaching one skill as a whole and in parts, as well as to check the efficiency of the use of a cue to direct children's attention to a relevant aspect of the task. Forty eight girls participated, divided into four groups: PnC (Parts without cues), PC, (Parts with cues), WnC (Whole without cues) and WC (Whole with cues) which received six lessons. The skill was: a "ball throw in the air, followed by a forward roll and catching it with their feet on the ground". A visual cue was a tape mark on the wall, to show the ideal height for the ball. Three tests were performed: T1 (after the 3rd lesson), T2 (after the last lesson) and T3 (retention test, 30 days after T2). All lessons were filmed, and the quantitative analyses followed the FIG's point code. We found significant differences in the results. Based on them, we can infer that practicing the skill in question as a whole had a positive influence on the performance and the use of cue assisted the students to direct their attention to the relevant aspect of the task.

KEYWORDS: teaching by parts, teaching as whole, learning cues, rhythmic gymnastics.

¹ Caçola, Priscila Martins

² Ladewig, Iverson

¹ priscilacacola@hikn.tamu.edu Texas A&M University - TAMU 4243, College Station, Texas 77843, EUA

² iverson@ufpr.br - Universidade Federal do Paraná - Rua Coração de Maria, 92 - BR 116 Km 95, Jardim Botânico - CEP 80215-370 - Curitiba-PR

Baseado na tese: Comparação entre as práticas em partes e como um todo e a utilização de dicas na aprendizagem motora de duas habilidades da ginástica rítmica. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Exercício e Esporte - Departamento de Educação Física), Universidade Federal do Paraná - 2006.

Recebimento: 03/2007
Aceite: 08/2007

Correspondência: iverson@ufpr.br - Universidade Federal do Paraná - Rua Coração de Maria, 92 - BR 116 Km 95, Jardim Botânico - CEP 80215-370 - Curitiba/ PR - Título Abreviado: Comparação entre Práticas e o uso de dicas na GR

Introdução

A Ginástica Rítmica (GR) é uma modalidade esportiva que encanta pessoas em todo o mundo. A sincronia perfeita do corpo com o aparelho em combinação com a música fascina a todos os que assistem. Esta sincronia existente faz com que o aparelho seja uma prolongação do corpo e vice-versa, o que resulta em movimentos belos, porém extremamente complexos. Devido à esta complexidade, o ensino na GR ocorre tradicionalmente pela prática em partes. Esta opção de ensino na modalidade está relacionada à exigência da prática precoce, acreditando-se que assim a aprendizagem das crianças é mais fácil, em razão de não sobrecarregarmos a atenção e enfatizarmos o aspecto mais importante da tarefa. Em outras palavras, ensina-se primeiro o movimento do corpo, que é repetido até que seja aprendido corretamente. Em seguida, passa-se a ensinar o movimento do aparelho e quando essas duas partes estão “aprendidas”, a criança começa a realizar os movimentos juntos.

A prática em partes é o método comumente usado por professores de GR, porque parece facilitar a aprendizagem devido à “separação” do ensino em dois movimentos: movimento corporal e o movimento do aparelho. Entretanto, a dificuldade surge quando é necessário juntar os movimentos. Em observações práticas, é notado que as ginastas tem que “reaprender” o movimento, começando a aprendizagem do início.

O objetivo deste estudo é testar o uso da prática como um todo, onde questionamos se ensinando através desta não obteríamos melhores resultados na aprendizagem dos movimentos. Na prática como um todo a habilidade é praticada sem ser subdividida, ou seja, como ela será desempenhada na realidade.

Em geral, existe uma variedade de estudos relacionados a prática em partes e como um todo. Os resultados variam dependendo da complexidade e organização da tarefa, ou seja, o número de componentes da habilidade e o quanto elas estão relacionadas. Como por exemplo, Magill⁶ coloca que um argumento a favor de praticar a habilidade como um todo é que esta vivência poderia ajudar o aprendiz a sentir melhor o fluxo e o *timing*

de todos os componentes dos movimentos da habilidade. Um argumento contrário é que a prática da habilidade em partes reduz a complexidade da habilidade e permite que o aprendiz reforce o desempenho de cada parte corretamente antes de desenvolver a prática como um todo.

Estudos atuais refletem a escolha de se ensinar por partes ou como um todo tendo como foco movimentos ou habilidades em sequência. Os movimentos interagem com os outros apenas na transição, como seria uma série completa de GR. Usando essa perspectiva, Park, Wilde, e Shea⁹ e Hansen, Tremblay e Elliot⁵ obtiveram melhores resultados na retenção ou transferência usando o método parte-todo, ou partes progressivas. Porém os últimos autores colocam que “ainda que a prática como um todo não tenha tido o mesmo impacto na aprendizagem que o método parte-todo, sujeitos foram melhores na integração do movimento, o que foi notado através da redução do tempo de transição entre os elementos do movimento”.

Na GR, dois estudos encontrados levam em consideração essas práticas de aprendizagem. Tibeau¹⁴ criou uma sequência de movimentos com o aparelho, e constatou que prática como um todo foi mais eficaz na aprendizagem do que as partes, além das alunas que aprenderam pela prática em partes terem considerado o curso mais difícil do que aquelas que aprenderam como um todo. A autora concluiu que não apenas o método que vem sendo empregado tradicionalmente (partes) pode ser criticado, como também somente tem sentido iniciar o ensino da GR já com o emprego de materiais.

Caçola, Ladewig e Rodacki² usaram uma habilidade de salto e não uma sequência de movimentos, o que aumenta a complexidade da tarefa. A prática como um todo no ensino do salto corza com a corda foi mais efetivo, o que expôs a necessidade de aprofundarmos mais esta pesquisa com outras habilidades. Pôde-se concluir também que na GR, em que o grau de interação entre o corpo e o aparelho é total, possibilitar a prática das habilidades como um todo pode resultar em um menor tempo de aprendizagem, além desta ser mais eficiente e mais duradoura.

Refletindo sobre as práticas na GR, se por um lado pode parecer, intuitivamente,

“mais fácil” aprender as partes componentes das atividades da GR, por outro lado torna-se difícil acreditar que, um método de ensino que causa pobreza rítmica no desenvolvimento da tarefa, limita a possibilidade de expressão do aluno e ignora a necessidade que os alunos têm de desenvolver um quadro geral da atividade que quer executar, possa ser adequado para a GR, dependente principalmente destes aspectos para seu desenvolvimento.¹⁴

Com indícios de que a prática com um todo poderia propiciar melhores resultados na aprendizagem da GR, associamos as práticas de aprendizagem (partes e todo) com o uso das dicas de aprendizagem para a testagem, sendo que o uso dessas como estratégia cognitiva de retenção de informações é comprovadamente eficaz na aquisição de habilidades motoras.⁷

As “dicas” são estratégias cognitivas que facilitam a assimilação de conteúdos. As informações que recebemos do ambiente chegam no Depósito Sensorial, sendo que as que são relevantes são armazenadas na memória de curta duração e posteriormente, na memória de longa duração.

As informações mais importantes para a execução de uma tarefa são separadas pela atenção seletiva que ao mesmo tempo

coopera para que as mesmas sejam retidas na memória de curta duração. A atenção seletiva pode ser definida como a habilidade do indivíduo dirigir o foco da atenção a um ponto em particular no meio ambiente. As crianças encontram uma maior dificuldade de selecionar informações relevantes à tarefa do que os adultos por causa da inabilidade dos seus mecanismos de atenção.⁶

Até a presente data, não foram encontrados estudos experimentais que relacionassem as dicas com a ginástica rítmica.

Métodos

Amostra

Quarenta e oito crianças (do sexo feminino), com idade entre 9 e 10 anos, participaram deste estudo, após o consentimento de seus responsáveis. Nenhuma das crianças havia praticado GR, Ginástica Artística ou algum tipo de dança. Para ter certeza de que nenhuma criança teria facilidade em realizar a habilidade em questão, elas assistiram um vídeo com a habilidade e tentaram executá-la, sem conseguir. Estas foram distribuídas aleatoriamente em 4 grupos, que aprendeu a habilidade da seguinte forma:

Tabela 1 – Distribuição da amostra nos grupos.

TOTAL	N = 48
Partes sem Dicas (PsD)	N = 15
Partes com Dicas (PcD)	N = 11
Todo sem Dicas (TsD)	N = 10
Todo com Dicas (TcD)	N = 12

Habilidade

A habilidade escolhida foi intitulada “*Lançamento da bola seguido de um rolamento para a frente e recuperação com os pés no solo.*” O lançamento é realizado com uma altura média e levemente para a frente, para que a ginasta possa rolar rapidamente e recuperar a bola sentada no solo, parando-a com o pé.

Procedimentos

Foram realizadas seis aulas para todos os grupos, sendo que o procedimento adotado para a realização das aulas no grupo como um todo foi a prática da habilidade completa durante as seis aulas, e para o grupo em partes três aulas foram destinadas para a aprendizagem do movimento do corpo (apenas o rolamento), duas aulas para a aprendizagem do movimento do aparelho (o lançamento da bola e recuperação com os pés) e uma aula para a junção do movimento. Cada movimento foi realizado 10 vezes por sessão.

As dicas foram usadas somente para os grupos PcD e TcD. Utilizamos uma dica visual, com uma marcação colorida na parede indicando a altura do lançamento da bola. O instrutor da atividade direcionava a atenção da criança para a fita colorida antes de cada movimento. Utilizando-se de uma linguagem simples e direta, elas eram lembradas de “lançar a bola mais alto que a altura da marcação, para que houvesse tempo suficiente de completar o rolamento e recuperar a bola”.

Houve uma avaliação ao término da terceira e da última aula, sendo estas o Teste

1 e o Teste 2. O teste de retenção (Teste 3) foi realizado trinta dias após o último teste, nos quais nenhuma aluna treinou o que aprendeu. Todas as aulas foram filmadas, para podermos avaliar o processo de aprendizagem.

Avaliação

A avaliação da habilidade foi feita segundo o código de pontuação da Federação Internacional de Ginástica, por duas árbitras nacionais, com experiência em GR.

TABELA 2 – Pontuação da habilidade.⁴

FALTAS	DEDUÇÃO
Imprecisão no plano ou direção	0,20
Técnica de execução do rolamento incorreta	0,20
Segmento corporal incorreto (pé)	0,10
Perda e recuperação imediata com quicada	0,20
Trajatória imprecisa e recuperação no voo com um passo	0,20
Recuperação incorreta ou com ajuda da mão	0,10
Recuperação nitidamente incorreta ou com ajuda do corpo	0,20
Perda e recuperação após pequeno deslocamento (1-2 passos)	0,30
TOTAL	1,50

Análise dos dados

Em cada teste, as alunas realizaram o movimento três vezes, sempre como um todo. Para o efeito de análise, foi considerado apenas o melhor resultado. Foram aplicados os testes “Anova two-way” nas diferenças entre os testes e o “Post-hoc de Tukey” nos pares de médias. Os testes foram analisados com nível de significância $p < 0.05$.

Resultados

Observando os resultados da ANOVA, verificamos que houve diferença significativa entre as médias nas práticas ($F = 4,083$, $p = 0,049428$) e nas dicas ($F = 13,751$, $p = 0,000582$). Na interação dos fatores práticas e dicas e no

escore dos testes (teste 1, teste 2 e retenção) não houve diferenças significativas.

Com a aplicação do teste Post-Hoc de TUKEY, notamos que existe diferença significativa entre as médias dos resultados do grupo PsD (retenção) para os grupos PcD (teste 1) – ($p = 0,013397$), PcD (teste 2) – ($p = 0,002090$), TcD (teste 1) – ($p = 0,002187$), TcD (teste 2) – ($p = 0,003155$) e TcD (retenção) – ($p = 0,011641$). As diferenças significativas entre o grupo PsD para os grupos PcD nos 2 primeiros testes e TcD em todos os testes demonstra a efetividade da dica como estratégia cognitiva na aprendizagem de habilidades. Comparando a retenção do grupo PcD com a retenção do grupo TcD este último demonstrou ainda superioridade, mostrando que a junção do método (todo) com a dica foi o mais eficiente na aprendizagem.

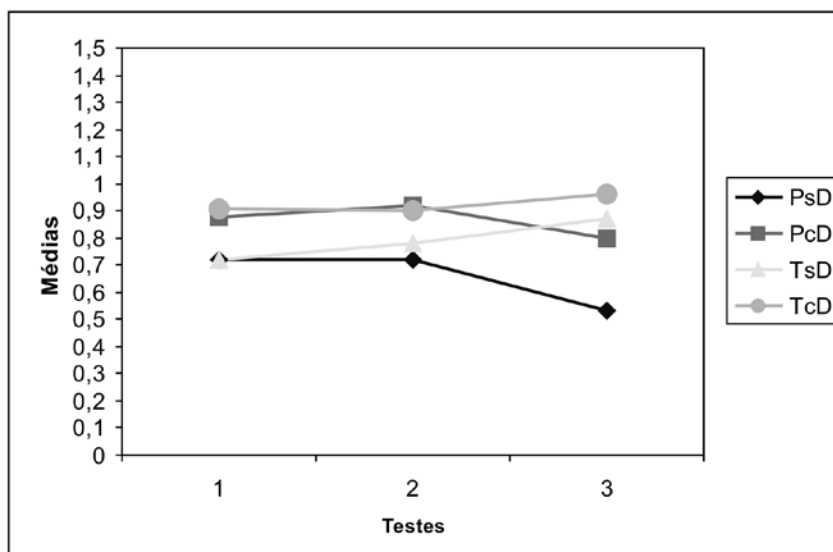


Gráfico 1 – Evolução dos Grupos ao longo dos testes

Os grupos que praticaram em partes mantiveram a estabilidade nos testes 1 e 2, como aponta o gráfico. De forma geral, todos os grupos seguem a mesma trajetória, o que pode simplesmente ter demonstrado a forma como propomos a pesquisa. Porém, no teste de retenção houve uma queda nos valores, o que não aconteceu na prática como um todo, pois os valores se mantiveram até o último teste. Esse fato é relacionado com a teoria de que os benefícios de se aprender como um todo são verificados na retenção dos movimentos, ou seja, o teste de retenção é um meio de inferir a aprendizagem.¹¹

Mesmo com a queda no teste de retenção o grupo PcD obteve médias maiores em todos os testes em comparação com o grupo PsD, demonstrando a efetividade da dica comparando-se os grupos com a mesma prática.

Os grupos que praticaram como um todo tiveram um aumento nas médias principalmente nos testes de retenção, como pôde ser verificado no gráfico acima. Ainda, as médias do grupo TcD são superiores (em valores) ao grupo TsD. Este último apesar de mostrar um aumento no valor da média no teste de retenção, não obteve diferenças significativas entre os testes e entre os grupos. Por outro lado, as diferenças foram significativas estatisticamente na questão das dicas dentro da prática em partes, além de significativa na dica e na prática, com a diferença em todos os testes no grupo TcD.

Discussão

Consideramos que esta pesquisa ganhou validade externa, ou seja, capacidade de generalização dos seus resultados, podendo-se além de analisar e refletir sobre os métodos de aprendizagem da GR, sugerir novas alternativas para a sua prática. Mas em decorrência disso, a pesquisa perdeu validade interna, por não conseguirmos controlar todas as variáveis. De acordo com Thomas e Nelson¹³ todo estudo tem limitações, possíveis desvantagens ou influências que tanto podem não ser controladas ou serem os resultados das delimitações impostas pelo investigador. Um dos exemplos dessas limitações pode ser a maneira como a análise dos resultados e oportunidades foi proposta. Futuramente, manipulações que verifiquem e diferenciem o desempenho na aquisição e na retenção podem levar a resultados mais confiáveis.

Apesar das limitações, acreditamos que os resultados obtidos neste estudo clarificam a relação existente na teoria, em que a prática como um todo apresenta melhores resultados na aprendizagem de habilidades que possuem uma grande interação entre os componentes.^{2,8,11,12,14}

Claramente, vimos como funciona o processo de ensino aprendizagem através da prática como um todo. No início, uma média menor, uma grande dificuldade de

se realizar a tarefa, um aumento razoável na média no teste 2, e no teste de retenção, enquanto os outros grupos caem, há um aumento na média (apesar de não significativa neste experimento). A prática em partes leva a uma falsa ilusão de sucesso inicial, mas perde sustentação nos testes de retenção, como foi verificado. Isto é um achado relativamente comum, pois, na prática como um todo há uma grande quantidade de informações no início da aprendizagem, por isso há um desempenho inicial mais pobre do que na prática em partes. Mas essas operações cognitivas geradas por esta prática reforçam a aprendizagem na sua essência, que é na retenção dos movimentos. Os dois grupos que praticaram como um todo mantiveram ou aumentaram os valores médios na retenção, enquanto que com os grupos que aprenderam em partes ocorreu o contrário.

Os resultados superiores do grupo TcD nos mostram a relação da prática com as dicas de aprendizagem. Rose¹⁰ considera que para haver aprendizagem o aprendiz deve direcionar a atenção para um ou no máximo dois aspectos mais importantes da habilidade. Na sua relação com a prática como um todo, verifica-se que enquanto a fluência e a coordenação dos movimentos é mantida, a atenção é direcionada para uma ou duas partes da habilidade, dependendo de quantas partes a habilidade é dividida e de quais são os aspectos mais importantes para o direcionamento da atenção.

A superioridade do grupo TcD em relação aos outros grupos proporciona aos professores uma nova perspectiva de se trabalhar a GR, levando em conta a efetividade desta prática com a utilização da dica na aprendizagem. E se a prática como um todo foi superior a prática em partes, verificamos a grande eficiência da dica como estratégia cognitiva. Como o aparelho saiu do controle da mão da criança, houve informações do ambiente atuando durante a realização do movimento, o que resultou na efetividade da dica mesmo na prática em partes, onde houve uma diferença significativa do grupo PcD (testes 1 e 2). A dica utilizada foi uma dica visual, que marcava à que altura a bola deveria ser lançada, para que houvesse tempo hábil para a criança realizar o rolamento e recuperar a bola. Os grupos que aprenderam sem

dicas até o último teste não direcionavam a atenção para a bola, apenas pensavam em “jogá-la” de qualquer jeito e rolar. A dica fez com que as crianças olhassem para a bola, lançassem alto e rolassem, tendo um melhor padrão geral do movimento. Este resultado pode explicar o fato que as médias do grupo TsD não obtiveram significância nos testes. Reforçamos a efetividade da dica de aprendizagem principalmente na prática como um todo, para obtermos melhores resultados na aprendizagem.

Os resultados demonstram a necessidade de se analisar as características próprias de cada aparelho e de cada elemento da ginástica rítmica. Os resultados que foram expressados nesta pesquisa são importantes se analisados dentro desse contexto, principalmente se levarmos em consideração o “n” de cada grupo, que variou de 10 a 15 crianças, dependendo dos grupos. Mas é importante discutir também as diferenças individuais, relacionadas ao potencial de cada criança. Apesar de acharmos que os resultados foram expressivos em uma primeira análise, devemos considerar que a potencialidade individual pode ter sido um aspecto facilitador ou não para a aprendizagem da habilidade, e não as condições de prática ou uso de dicas. Sem dúvida, as diferenças individuais devem ser encaminhadas com mais detalhes em futuros estudos.

Vemos também a importância de se discutir também a viabilidade dos resultados dentro de uma série de ginástica, que é o objetivo competitivo da modalidade, e sem dúvida um contexto mais difícil de se realizar as habilidades. Com relação às práticas de aprendizagem, o uso de materiais, além de constituir uma das características mais importantes da GR, favorece um melhor desenvolvimento dos movimentos corporais e da estética de movimentos, assim como facilita a aquisição de movimentos mais naturais, tornando-se difícil conceber um método de ensino que não os utilize desde as primeiras aulas.¹⁴ Vemos que se em habilidades motoras a eficiência da prática como um todo é significativa, podemos inferir que a iniciação na GR que leve em conta esses resultados vai proporcionar uma melhor aprendizagem motora para as crianças que a praticam.

Pensando em outras modalidades esportivas que possuam as mesmas

características da GR, como a alta interação entre as partes da habilidade, podemos inferir que nem sempre a realização de tarefas quem levem em conta a “tradição” será o meio mais eficiente para a aprendizagem.² Só porque na GR a prática em partes é tradicionalmente utilizada, não significa que não devemos tentar outras metodologias que tragam melhores resultados na retenção, pois muitos aspectos da situação de prática podem ser variados sistematicamente para tornar a aprendizagem mais eficiente, e boa parte deles estão sobre o controle direto do professor.³

Com um resultado expressivo que remete a importância das dicas de aprendizagem, ao se propor o seu uso na modalidade em questão Caçola e Ladewig¹ reforçam a necessidade de lembrar que crianças são diferentes dos adultos em relação ao processamento de informações (são mais lentas), são ineficientes no uso dos processos de controle de memória (não sabem usar estratégias para lembrar e memorizar), além de possuir uma quantidade limitada de experiências. Como não existe uma proposta pronta de dicas específicas para a GR, deve-se primeiramente avaliar as alunas para que se possa planejar a aula com o objetivo de contornar essas dificuldades, fazendo sempre a sua ligação com a prática de aprendizagem que está sendo proposta. No início de uma atividade o aprendiz se encontra no estágio cognitivo, onde há muitas informações sobre um movimento. Uma dica específica à habilidade, que respeite a idade e o nível cognitivo da criança, e fazendo parte do mundo em que ela vive, dirige o foco da atenção para a dificuldade do movimento. Com a prática das habilidades chega-se ao estágio associativo, onde não é necessária uma grande demanda de atenção para a realização do movimento, a aprendiz já conseguiu entender os princípios básicos para realizar a habilidade. Finalmente, depois de muitos anos ou horas de prática o aluno chega ao estágio autônomo. Este não precisa mais ficar atento ao movimento, houve a sua automatização, ou seja, o aluno não precisa mais “pensar” para realizá-lo.

É importante lembrar que utilizando-se das dicas ou não, e ensinando-se através da prática em partes ou como um todo, todos irão aprender. Com o uso das dicas podemos

acelerar a passagem entre os estágios, diminuindo-se o tempo para que se realize a habilidade ideal. Utilizando-se de um método coerente com os objetivos propostos no início da aprendizagem, o processo pode ser otimizado. Se as dicas utilizadas, apesar disso, não trouxerem o resultado esperado, deve-se avaliá-las e criar outras que auxiliem a aprendizagem, lembrando que no período inicial (estágio cognitivo) o aprendiz encontra-se sobrecarregado de informações, e reduzir as demandas na atenção neste processo pode até assegurar a continuação na atividade, considerando que muitas crianças desistem da prática devido à experiência de fracasso e frustração que têm nas primeiras aulas e grande cobrança da técnica correta dos movimentos. Sabe-se que uma criança motivada com a atividade irá realizá-la com mais prazer, “prestando mais atenção”.⁷

À medida que as dicas são usadas na GR há também a possibilidade desta modalidade, apesar da sua complexidade, ser mais agradável e divertida para as suas pequenas aprendizes, além de diminuir o tempo de aprendizagem dos movimentos. Esta redução no tempo é vantajosa e necessária quando sabemos que a ginasta pode competir oficialmente em campeonatos das federações estaduais de ginástica a partir do ano em que completa oito anos de idade. Além desse aspecto, não podemos esquecer o aspecto lúdico que as dicas proporcionam para as crianças, pois não é possível aceitar que crianças tão pequenas apenas repitam habilidades motoras como se já estivessem em um treinamento para adultos. Ao aliarmos uma prática coerente, relacionada à idade da criança, levando-se em conta os conceitos teóricos e os resultados das pesquisas, além da melhor aprendizagem futura da GR podemos formar ginastas com um melhor entendimento do movimento, o que pode ser um diferencial em uma carreira esportiva a longo prazo.

Com a observação desses resultados e considerando-se o fato de que a GR vêm crescendo no Brasil, acreditamos que o campo de possibilidades para futuros estudos é imenso. As pesquisas devem considerar a aplicação dos conceitos e limitações aqui revisados em outras habilidades da ginástica, com outros aparelhos e outros elementos corporais, além de propor outras formas

de prática de aprendizagem. Mais estudos que considerem a interação prática x dicas em habilidades motoras possibilitariam um maior entendimento da relação existente entre elas, além da possibilidade de se estudar um contexto mais específico dos movimentos ginásticos dentro da série, o que será de grande relevância aos professores da modalidade.

Levando em conta os aspectos teóricos e pesquisas que apliquem os conceitos na prática, podemos sempre melhorar a proposta de ensino que apresentaremos às

crianças que se dispõem a aprender uma determinada modalidade esportiva. O aprendizado vai ocorrer no campo motor, onde através da utilização de práticas com significados relevantes, fortes traços na memória são criados, melhorando a retenção. Acreditamos assim que o método empregado por professores e técnicos de GR pode ter como estratégia facilitar, motivar e alegrar as aulas de ginástica rítmica, o que além de criar uma aprendizagem efetiva fará com que ele seja muito mais divertido para as ginastas!

Referências bibliográficas

- 1 CAÇOLA P, LADEWIG I. A utilização de dicas na aprendizagem da Ginástica Rítmica: Um estudo de revisão. **Rev Lecturas: Ed Fis y Dep.** [periódico on line]. 2005; 82. Disponível em [2005 jun 13].
- 2 CAÇOLA P, LADEWIG I, RODACKI A. Comparison between part practice versus whole practice while learning the corza jump in RG. **Fiep Bul.** 2004; 74: 283-284.
- 3 CORRÊA U, PELLEGRINI A. A interferência contextual em função do número de variáveis. **Rev Paulista de Ed Fis.** 1996, 10: 21-33.
- 4 Federação Internacional de Ginástica. **Código de Pontuação de Ginástica Rítmica.** 2005.
- 5 HANSEN S, TREMBLAY L, ELLIOT D. Part and whole practice: Chunking and online control in the acquisition of a serial motor task. **Res Q Exerc Sport.** 2005; 76(1): 60-66.
- 6 LADEWIG I, CAMPOS W, GALLAGHER JD. Das teorias de atenção às estratégias de atenção seletiva: Uma revisão bibliográfica. **Rev Synopsis.** 1996; 7: 81-94.
- 7 LADEWIG I, CIDADE RE, LADEWIG MJ. Dicas de aprendizagem visando aprimorar a atenção seletiva em crianças. In: Teixeira L (organizador). **Avanços em comportamento motor.** Rio Claro: Movimento, 2001. p. 166-197.
- 8 MAGILL R. **Aprendizagem motora: conceitos e aplicações.** São Paulo: Blucher, 2000.
- 9 PARK JH, WILDE, H, SHEA, CH. Part-whole practice of movement sequences. **J Mot Beh.** 2004; 36:51-61.
- 10 ROSE DJ. **A multilevel approach to the study of Motor Control and Learning.** Usa: Allyn e Bacon, 1997.
- 11 SCHMIDT R, WRISBERG C. **Aprendizagem e performance motora: uma abordagem da aprendizagem baseada no problema.** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- 12 TEIXEIRA LA. Aprendizagem de habilidades motoras na ginástica artística. In: Nunomura M, Nista-Piccolo V (organizadoras). **Compreendendo a ginástica artística.** São Paulo: Phorte, 2005. p. 77-106.
- 13 THOMAS JR, NELSON JK. **Métodos de pesquisa em atividade física.** Porto Alegre: Artmed, 2002.
- 14 TIBEAU C. **Ensino da Ginástica Rítmica Desportiva pelo método global: Viabilidade e Eficácia.** São Paulo; 1988. [Dissertação de Mestrado da Escola de Educação Física e Esporte da USP].